

MORTE E VIDA SORRENTINA

CONVERSANDO
COM A MÍDIA

(*A Grande Beleza*, de Paolo Sorrentino, 2013)

Apresento aqui em palavras poucas meu encontro com *A Grande Beleza*, filme com direção e roteiro de Paolo Sorrentino. O filme é imenso em riqueza de símbolos, imagens, música e drama, tendo me conduzido por muitos túneis obscuros, despertando sensações e permitindo reflexões acerca do vivido e do pressentido.

O amanhecer acolhe nas ruas os que nela passaram a noite. Alguns dormem em bancos nas praças, outros se abraçam, alguns cambaleiam e riem de sua condição. Jep Gambardella, aquele que nos emprestará seus olhos para este grande encontro com a morte e tudo o que a antecede, caminha lenta e elegantemente aguardando o sol para, então, adentrar em seu mausoléu, ouvir as sábias palavras de sua criada estrangeira e adormecer. (O diálogo interior, quando veraz, nos coloca diante de um estrangeiro que mora dentro de nós e que fala uma língua diferente, pensa de modo estranho a nós mesmos e obedece a leis e costumes impróprios).

Com o sol, a contemplação estética ao som de um coral cantando para ouvidos estrangeiros em uma língua também estrangeira nos conduz por uma torre de Babel em que a Beleza provê o único entendimento válido através da paisagem, da arquitetura, das esculturas, pinturas e da música. Belíssimos!

Porém, nem toda a beleza do mundo poderia evitar a morte. Cai o pano sobre mais uma vida. Inesperadamente.

A esta morte distante se seguirão outras. “A morte está à espreita”, nos avisa Sorrentino na porta de entrada. Uma morte lenta e profunda. A morte da intimidade, do calor das relações familiares, das receitas e dos costumes de família. Os laços já não se fazem. O fio da vida já não tece *crochês* ou *tricôs*, apenas *clichês*. Não servem para a tecelagem. São fios escorregadios que se quebram facilmente, então, *passam o cerol* para não romperem no encontro.

No filme, vemos uma família italiana que já não é a mesma. Nenhuma macarronada, nenhum almoço de domingo, nenhuma missa comungada junto, nenhuma criança nos braços de sua mãe, nenhum pai jogando bola com seu filho no gramado. Uma solidão tomou conta da vida, que caminha só ou permanece isolada por trás de janelas e portas que só se abrem ao relento.

Aos 65 anos, uma festa de aniversário sem sequer um familiar. Uma festa que mais se aproxima dos bailes funks da periferia do Rio de Janeiro. A festa gira em torno dos prazeres que se obtém por meio do uso de estimulantes de todos os tipos. A alusão ao sexo não é sutil. Aos 65 anos, uma vida que arrasta a juventude amarrada a um cavalo que segue seu galope.

As redes sociais merecem pouca atenção no filme, mas uma crítica a elas se faz mordaz. Apresenta o Facebook como um grande espelho de Narciso onde se mostram imagens de si mesmo sob diversos ângulos, expondo a nu intimidades que a mais ninguém pertencem ou interessam.

DENISE MENDES GOMES

Psicóloga, terapeuta familiar, doutora em Psicologia Social/USP, fundadora e formadora do Instituto Sistemas Humanos.

Morre um amor antigo cujas páginas foram escritas num pequeno diário jogado fora e já não podem ser relidas ou revividas na memória. A capacidade de amar teria morrido tão cedo? Morre um jovem filho, desesperado por não haver um lugar no mundo que o acolhesse. Ele conduz sua vida velozmente para a morte, vivendo uma vida em que nada faz sentido. Sem pertencimento possível, numa família em que a mãe solitária não sabe o que fazer diante do sofrimento do filho, morre sem amigos. Morre a mulher ao lado, aquela que dividiu a intimidade de momentos compartilhados com amizade, respeito e dignidade. Uma mulher que encontrou nas drogas a única maneira de individuação possível. E a morte. Morre, ainda, a esperança de voltar a amar, de voltar a escrever páginas brilhantes, de se realizar em seu ofício e a vida parecer que faz sentido.

As melhores páginas Jep escreveu na juventude. Por mais madrugadas que ele atravessasse na companhia de belas mulheres, amigos do peito, festas e drogas, jamais poderá escrever páginas tão belas.

Será assim com cada um de nós? Qual é a beleza da juventude guardada em nós? O vigor das primeiras vezes, sua intensidade? A esperança de uma vida magistral? Os sonhos que tornam cada momento um tijolo mágico a construir um caminho sem volta em direção ao sucesso?

Saudosista, Sorrentino ama a nostalgia e, com ela, a melancolia de tudo o que jamais poderá vir a ser. O passado é uma amante impossível, porque morta. Impossível reler as páginas quando se desprezou caminhos e oportunidades.

Passeamos por rostos envelhecidos, por vidas mal vividas, por mulheres mal-amadas, por homens fracassados. Vidas vividas para além dos sonhos e planos da juventude. Vidas sinuosas e turvas, ora a surpreender, ora a decepcionar. Vidas secas.

“Qual o sentido da vida?”, parece perguntar Sorrentino quando se refere à grande beleza.

O filme é uma ode à beleza em fotografia primorosa insinuando ângulos indizíveis de uma Roma antiga e majestosa. Um filme sobre o tempo. Nostálgico, trágico, mágico. Num lamento, vazios e superfícies parecem impedir a construção de sentidos para as coisas vividas, pois já não se buscam as riquezas escondidas sob o que se vê. Não há mais a arqueologia do encontro.

Inúmeras referências ao sagrado interagem com as cenas, mas ele aparece desprovido de seu poder alentador. Se os laços se perdem, aquilo que nos religa ao sentido da vida já não pode ser buscado senão como mais uma experiência estéril.

Pessoas com vidas falsas, fingindo ser o que não são, impossibilitadas de entrar em contato com suas dores, mostrando sua face menos pessoal. Mães que deixam os filhos aos cuidados de terceiros, esposos que se envolvem com outras mulheres, outros homens. Profissionais que usam o sexo para garantir seu sucesso ou posição.

O que se passou com aquele personagem chamado Intimidade? Ele anda por terras tão distantes que por aqui as terras se desertificaram. Raízes repetidas vezes arrancadas. Teias destruídas. Não mais a proximidade de olhar nos olhos e entender o coração. Não mais a possibilidade de ler em braile a dor do outro num abraço. Não mais a feminina posição da concha acústica a escutar e colher os sentidos e os devolver ampliados. Sequer a possibilidade de ouvir a si próprio a cantar para espantar os males.

FICHA TÉCNICA:

A Grande Beleza (*La Grande Bellezza*)

Direção: Paolo Sorrentino

Roteiro: Paolo Sorrentino e Umberto Contarello

Elenco: Toni Servillo, Carlo Verdone, Sabrina Ferilli, Carlo Buccirosso, Serena Grandi

Duração: 142 min

País: Itália, França

Ano: 2013